



"AS DELEGACIAS PAULISTAS SÃO OS LUGARES MENOS SEGUROS HOJE EM DIA".

DEPOIS DE LÚCIO FLÁVIO, O BANDIDO ROMÂNTICO DOS ANOS 70, TEMOS MARCOLA, UMA VERSÃO APIMENTADA DE AL CAPONE E ROBIN HOOD.

ENTRE OS INSTRUMENTOS QUE ALICERÇAM O PCC ESTÃO A CORRUPÇÃO CRÔNICA NA POLÍCIA E A FRAGILIDADE DO PRÓPRIO SISTEMA PENITENCIÁRIO.



CARTEIRA PERDIDA A correria provocada pela chuva torrencial, que desabou em São Paulo naquela noite, fez com que minha filha perdesse a carteira e, com ela, documentos e cartões de crédito. Para garantir a segunda via, ela deveria ir à delegacia mais próxima, prestar queixa. Uma queixa que, uma vez registrada e documentada, iria assegurá-la, no futuro, o álibi necessário, contra um possível uso indevido, dos seus papéis legais, por sujeitos ilegais. Ironicamente, a grande preocupação, minha, em Brasília e dela, em São Paulo, foi exatamente o fato dela ter que ir à delegacia, um dos lugares menos seguros nesses tempos de ataques do PCC. Por sorte, tudo deu certo. Sua integridade foi assegurada.

AL CAPONE APIMENTADO Contudo, os ataques do PCC continuam desafiando as autoridades e aterrorizando a sociedade. Um PCC que mata, destrói e amedronta, mas, surpreendentemente, distribui cestas básicas na favela. Um PCC que domina ladrões de galinha e drogados nas favelas, homens e mulheres que lhes devem "favores" e, em troca, se submetem aos comandos de guerrilha impetrados pelo terror que emana dos bandidos acomodados nas prisões nacionais. Depois de Lúcio Flávio, o bandido romântico dos anos 70, que denunciou a corrupção da polícia carioca, chegamos ao terceiro milênio com uma versão apimentada de Al Capone e Robin Hood. São eles, Fernandinho Beira Mar e Marcola. Líderes do tráfico, que vivem às custas do nosso suado dinheirinho, em prisões que lhes asseguram mais proteção do que a nós contribuintes.

LENDO NIETZSCHE NA PRISÃO Nas páginas dos jornais e revistas, na telinha, em artigos assinados e debates acadêmicos, o assunto é um só: violência urbana e terrorismo. Em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Bagdá ou Beirute a cena é a mesma: carros queimados, mortes, temor e terror. Minha geração, que lutou tanto por direitos humanos, liberdade e democracia, ironicamente, vive acuada, amedrontada e fragilizada pela insegurança pública. Para entender melhor o que se passa, busco informações. Nas páginas dos jornais encontro a ficha corrida de Marcos Willians Herbas Camacho, um homem que gosta de ler Nietzsche, Voltaire, Mao Tse-Tung e Lenin, e é criminoso há 26 anos. Seu codinome é Marcola e seu prontuário inclui três assaltos a banco, um roubo com seqüestro, um homicídio e uma sentença de 39 anos. Entre fugas e capturas está encarcerado há 19. Ajudou a fundar o PCC em 1993 e é seu líder desde 1997.

O PCC É ORGANIZADO COMO UMA EMPRESA Inspirado na luta pelos direitos humanos, que teve forte atuação na fiscali-

zação de torturas e maus tratos nas prisões, após o episódio do massacre de Carandiru, em 1992, o PCC nasceu reivindicando melhores condições para os presos. Daí para frente, muita coisa mudou. Segundo matéria da revista Veja, o "Primeiro Comando da Capital" é formado por "(...) bandidos que souberam tirar proveito do caldo de cultura das penitenciárias e das falhas no sistema legal. Com uma estrutura hierárquica rígida e núcleo decisório fechado, as ordens da cúpula são transmitidas, de dentro dos presídios, por criminosos conhecidos como 'torres'. Além da estrutura verticalizada, o PCC também se organizou como uma empresa, com tesouraria, almoxarifado, setor de crédito e departamento pessoal. De acordo com a polícia, quem está preso paga uma mensalidade de 50 reais, em troca de proteção. Criminosos em liberdade contribuem com 1.000 reais."

REDE DE ADVOGADOS DO CRIME Entre os instrumentos que alicerçam o PCC estão a corrupção crônica e a fragilidade do próprio sistema. Além disso, uma vasta rede de advogados, que chega a ganhar até R\$ 8.000,00 por mês, ampara e participa dos esquemas montados pelo PCC. Fruto da ineficiência do sistema de segurança pública, associado à leis arcaicas e justiça lenta, o PCC tornou-se uma organização forte, com ramificações em todo o Brasil. Segundo a CPI do Tráfico de Armas, a facção criminosa paulista, o PCC, tem recrutado jovens em Pernambuco, sem antecedentes criminais, para praticar no Nordeste e no sul do país crimes como tráfico de drogas e assaltos a bancos e carros-fortes. Dois motivos levaram o PCC a Pernambuco: é o principal produtor de maconha do país e o grande entreposto no Nordeste de armas vindas do Suriname.

ENTRE CRIMES E CESTAS BÁSICAS Organizadíssimos, os crimes do PCC parecem compensar. Tanto que seu líder, Marcola, se traveste de herói, bancando creches e cestas básicas nas periferias paulistas. De quebra, lança frases de efeito, para confundir os incautos e subverter os românticos: "Sou autodidata. O Estado nunca me deu nada. A gente leu muito sobre Lênin e a formação do Partido Comunista. Lemos sobre tudo. Vamos no Mão Tse-Tung, ali, um passo de cada vez." Outra frase de efeito, ardidamente preparada por Marcola, vai fundo na descrença dos brasileiros: "Não acho um traficante melhor do que um deputado nem um deputado melhor do que um traficante. Para mim, é tudo igual." Assim, entre crimes, barbárie e cestas básicas, o crime organizado cresce, roubando de nós cidadãos, a tranquilidade, confundindo as leis e as regras básicas de civilidade que levamos anos construindo e de quebra, surrupiando a confiança nossa de cada dia.